

PROFESSORA!? EU NÃO ESTOU ENTENDENDO

TEACHER!? I DO NOT UNDERSTAND

¿¡PROFESOR!? NO ESTOY ENTENDIENDO

Valdênia Rodrigues Fernandes Eleoterio

valdeniaeleoterioufms@gmail.com

Universidade Católica Dom Bosco-UCDB

Andrew Vinicius Cristaldo

andrew.biologia@yahoo.com.br

Doutorado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco

RESUMO

Esse artigo nasce de reflexões da nossa participação em *lives* na área educacional durante um ano de isolamento social (março/2020 a março/2021) devido à pandemia da covid-19. O objetivo geral foi investigar se os discentes dos anos finais do ensino fundamental têm compreensão sobre a modalidade de ensino que estudam atualmente (Educação a Distância e/ou Ensino Remoto Emergencial). Articulado com os seguintes objetivos específicos; analisar se na Educação a Distância e/ou no Ensino Remoto Emergencial ocorre momentos de reflexão favorecendo a aprendizagem dos alunos e compreender como está sendo tecida a relação professor/aluno nesse período de pandemia. A pesquisa é de natureza qualitativa. O instrumento utilizado para coleta de dados foi o questionário *on line*. Os sujeitos foram 45 alunos dos anos finais do ensino fundamental. O campo empírico é uma escola da rede estadual de ensino, localizada na zona urbana de um município da região centro-oeste do Brasil, que atende aproximadamente 256 alunos nos anos finais do ensino fundamental II. Os resultados apontaram que; a maioria dos alunos tem consciência que estudam na modalidade de Ensino Remoto Emergencial. Que essa modalidade de ensino traz uma parcela significativa de implicações negativas, dentre elas; o grande número de atividades, a falta de acesso a internet, de aparato tecnológico e ausência de interação física com os professores e demais colegas, dificultando os momentos de reflexão

interferindo de forma negativa no processo de aprendizagem. E que a relação professora aluno continua fortalecida, baseada no respeito mútuo e no afeto.

Palavras-Chave: Ensino Remoto Emergencial. Pandemia. Processo de Ensino/Aprendizagem.

ABSTRACT

This article is born from reflections on our participation in lives in the educational area during a year of social isolation (March/2020 to March/2021) due to the covid-19 pandemic. The general objective was to investigate whether students in the final years of elementary school have an understanding of the type of education they are currently studying (Distance Education and/or Remote Emergency Teaching). Articulated with the following specific objectives; to analyze whether in Distance Education and/or in Emergency Remote Teaching there are moments of reflection favoring student learning and understanding how the teacher/student relationship is being woven in this pandemic period. The research is qualitative in nature. The instrument used for data collection was the online questionnaire. The subjects were 45 students from the final years of elementary school. The empirical field is a state school, located in the urban area of a municipality in the central-west region of Brazil, which serves approximately 256 students in the final years of elementary school II. The results pointed out that; most students are aware that they are studying in the form of Emergency Remote Teaching. That this type of teaching brings a significant portion of negative implications, among them; the large number of activities, lack of internet access, lack of technological apparatus and lack of physical interaction with teachers and other colleagues, making it difficult for moments of reflection, interfering negatively in the learning process. And that the teacher-student relationship continues to be strengthened, based on mutual respect and affection.

Keywords: Emergency Remote Teaching. Pandemic. Teaching/Learning Process.

RESUMEN

Este artículo nace de reflexiones sobre nuestra participación en la vida en el ámbito educativo durante un año de aislamiento social (marzo / 2020 a marzo / 2021) por la pandemia del covid-19. El objetivo general fue investigar si los estudiantes de los últimos años de la escuela primaria tienen conocimiento del tipo de educación que están cursando actualmente (Educación a Distancia y / o Enseñanza de Emergencia Remota). Articulado con los siguientes objetivos específicos; analizar si en la Educación a Distancia y / o en la Enseñanza

Remota de Emergencia hay momentos de reflexión que favorecen el aprendizaje del alumno y la comprensión de cómo se va tejiendo la relación profesor / alumno en este período pandémico. La investigación es de naturaleza cualitativa. El instrumento utilizado para la recolección de datos fue el cuestionario en línea. Los sujetos fueron 45 estudiantes de los últimos años de la escuela primaria. El campo empírico es una escuela estatal, ubicada en el área urbana de un municipio de la región centro-oeste de Brasil, que atiende aproximadamente a 256 estudiantes en los últimos años de la escuela primaria II. Los resultados señalaron que; la mayoría de los estudiantes saben que están estudiando en forma de Enseñanza Remota de Emergencia. Que este tipo de enseñanza trae una porción significativa de implicaciones negativas, entre ellas; la gran cantidad de actividades, la falta de acceso a internet, la falta de aparatos tecnológicos y la falta de interacción física con los profesores y otros compañeros, dificultan los momentos de reflexión, interfiriendo negativamente en el proceso de aprendizaje. Y que se siga fortaleciendo la relación profesor-alumno, basada en el respeto y el cariño mutuos.

Palabras-clave: Enseñanza remota de emergencia. Pandemia. Proceso de enseñanza/aprendizaje.

INTRODUÇÃO

Os avanços científicos e o desenvolvimento tecnológico que permeiam a sociedade contemporânea não funcionaram como barreira de proteção a humanidade diante da pandemia da covid-19. No mês de março do ano de 2020, a Organização Mundial da Saúde declara situação de emergência devido aos inúmeros surtos de contágio do novo coronavírus (OPAS/OMS, 2020).

O homem futurista que se preparava para voltar a lua, para desbravar o planeta marte, que fabrica robôs para acelerar a produção industrial teve que mudar o curso de sua vida social, política, econômica e cultural em prol de um único objetivo, se isolar para sobreviver e reduzir o impacto da pandemia do covid19.

Estamos vivendo momentos inimagináveis onde a palavra futuro que já possuía conotação de talvez, de incerteza nos deixou ainda mais vulneráveis, escolas e empresas funcionam presencial ou remotamente conforme a

evolução da covid-19 e vidas são constantemente ceifadas pelo contágio (OPA/OMS, 2020).

Diante desse cenário, em caráter emergencial, a Portaria nº 343, dispõe “sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia” (BRASIL, 2020, p. 1). Com relação a educação Vieira e Silva (2020), explicam:

No contexto educacional brasileiro, o Ministério da Educação decreta em 17 de Março de 2020, através da Portaria nº 343, a suspensão de aulas presenciais e sua conseqüente substituição por atividades não presenciais ancoradas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do novo Coronavírus. (VIEIRA e SILVA, 2020, p. 1014).

De acordo com o exposto, foi necessário reavaliar o trajeto e desenvolver “medidas emergenciais, devido ao cenário da covid-19, que levou algumas escolas e universidades públicas e privadas do país a implantarem plataformas digitais e Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) para educação remota” (ALMEIDA, 2020, p. 2).

Diante do caos que foi estabelecido surgiu um movimento educacional relevante e necessário para o fortalecimento da classe docente nesse momento de crise pandêmica, as *lives* organizadas por universidades públicas, privadas, nacionais e internacionais com o objetivo de formar, informar e semear a esperança de dias melhores.

Nos diálogos, os professores compartilhavam seus medos, os desafios enfrentados pela forma brusca e inesperada que as aulas passaram do ensino presencial para o Ensino Remoto Emergencial, onde uma parcela significativa dos docentes ainda não possuía destreza em utilizar os artefatos tecnológicos necessários para produzir e apresentar uma aula virtual.

Durante as *lives* os docentes relataram que um dos principais efeitos da pandemia foi o aumento da jornada de trabalho que ainda lhes estressa, esgota e tem lhes causado adoecimento. São vários os desafios enfrentados cotidianamente por esses profissionais nesse momento histórico de crise

mundial onde a saúde física e mental torna-se mais relevante que planos, métodos e metas.

Porém, também compreendemos por meio da fala dos docentes nesses espaços de diálogos associado as nossas vivências no espaço escolar que ainda há uma parcela de profissionais que resistem em reconhecer que o ensinar e o aprender exigem novas configurações, novos olhares a processos metodológicos nessa sociedade cada vez mais digitalizada.

Outra implicação negativa da pandemia abordada pelos docentes nas *lives* foi que um número relevante de professores e alunos moradores de zonas periféricas, rurais e aldeados do país até então considerados invisíveis pelo empobrecimento, tornaram-se visíveis pelos altos dados estatísticos negativos sobre a exclusão desses sujeitos noticiados em jornais e revistas impressos e digitais.

Os dados coletados em várias pesquisas indicam que a Educação a Distância (EaD) e o Ensino Remoto Emergencial (ERE) não alcançam essas populações vulneráveis economicamente, falta artefato tecnológico, falta acesso a internet, faltam-lhes a moradia e o alimento para sobreviver, problemas já existentes e desnudados pelo avanço da pandemia da covid-19 que trouxe como implicações negativas; o fechamento de pequenas, médias e grandes empresas gerando altos índices de desemprego no país.

Já como implicações positivas a maioria dos participantes das *lives* ressaltam o comprometimento dos professores em desenvolver o que eles acreditam ser o melhor material para ensinar os alunos nas aulas virtuais, mesmo diante dos poucos recursos existentes arcados em grande parte com dinheiro do próprio bolso. Nos encontros *on line* uns falaram que vem avançando no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas, outros disseram que ainda não conseguiram atuar de forma assertiva, mas, isso não se torna um impeditivo para continuarem tentando.

Outro dado relevante que merece ser compartilhado é que nas interações vividas por nós no ciberespaço nesse ano de isolamento social por causa da covid-19, no foco das discussões prevaleceu o descontentamento dos docentes sobre a formação de professores para o Ensino Remoto Emergencial de maneira aligeirada, uma espécie de treinamento para a utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TIDIC), onde se explica como gravar um vídeo, posicionar a câmera, o tom da voz dentre outros apontamentos, mas não se disponibiliza condições matérias para a ação.

Temos ouvido muito a fala dos professores nos diferentes meios de comunicação e dar lugar de fala a esses profissionais é fundamental para avançarmos nesse momento de incerteza, mas, temos nos indagado: o que dizem os alunos? O que pensam? Como se sentem?

Nossas inquietações, indagações nascem a partir da observação dos comentários postados nos *chat's* disponibilizados para a interação dos participantes. Repetidas e incontáveis vezes foi descrita, pelos docentes, certa angústia e frustração ao compartilharem os conteúdos e informações necessários para a realização das atividades propostas nos grupos de *WhatsApp* das turmas ou na plataforma digital do *Google Classroom* e, de maneira imediata, receberem como resposta a frase: "Professora! eu não estou entendendo".

Diante do exposto, o objetivo geral do estudo foi investigar se os discentes tem compreensão sobre a modalidade de ensino que estudam atualmente (Educação a Distância e/ou Ensino Remoto Emergencial). Articulado com os seguintes objetivos específicos: analisar se na Educação a Distância e/ou no Ensino Remoto Emergencial ocorre momentos de reflexão favorecendo a aprendizagem dos alunos e compreender como está sendo tecida a relação professor/aluno nesse período de pandemia.

Conceituando a Educação a Distância (EaD) e o Ensino Remoto Emergencial (ERE)

Com a pandemia da covid-19 a área educacional está vivenciando um período onde a Educação a Distância (EaD) e o Ensino Remoto Emergencial (ERE) não são uma opção, mas os únicos caminhos a serem seguidos para dar continuidade aos processos educativos nos diferentes níveis de ensino. Para Brasil (2005), a EaD é definida como

uma modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização e meios de Tecnologias da Informação e Comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2017, p. 1).

Compreendemos por meio das leituras que na EaD o processo de ensino/aprendizagem é planejado previamente “em que todo desenho didático, todas as atividades e interações ocorrem em um determinado ambiente virtual de aprendizagem (AVA) ou plataforma de ensino de uma determinada instituição de ensino” (COQUEIRO e SOUSA, 2021). Segundo os autores, a EaD rompe as barreiras do espaço físico em tempos e lugares diversos, utiliza vários artefatos tecnológicos e requer disciplina para que seja alcançada a aprendizagem.

De acordo com Moran (1994), essa modalidade de ensino pode ser utilizada desde o ensino fundamental até a pós-graduação *latu e stricto sensu*, mas por necessitar de experiência em aprendizagem individual e de pesquisa é mais indicada para a formação de nível superior, pois na EaD

as aulas são transmitidas uma ou duas vezes por semana, ou uma vez por mês (depende da instituição, pois existem vários formatos) e o discente pode optar em assisti-las no polo de sua universidade (o que é inviável no momento atual) ou de sua residência. No momento das aulas síncronas (ao vivo) é possível interagir com o professor por meio do chat que se encontra na sua plataforma virtual ou por intervenção oral ou no momento posterior pode marcar um encontro na rede para que aconteça um bate-papo e as dúvidas sejam sanadas, isso recebe o nome de tutoria online. (COQUEIRO e SOUSA, 2021, p. 66065).

Há também formatos de EaD onde os cursos de graduação e pós-graduação são ofertados totalmente *on line*. Nos dois formatos apresentados o aluno dispõe de um tutor que lhe acompanha durante todo o processo de formação explicando o funcionamento da plataforma, sanando dúvidas sobre os conteúdos dispostos e a melhor forma de resolver as atividades.

A EaD tem se tornado cada vez mais a melhor opção para milhares de pessoas em todo o mundo que querem dar continuidade aos estudos e não dispõem de tempo para frequentar aulas presenciais, ou que almejam uma formação que não é ofertada em universidades públicas e privadas do município onde mora, além da liberdade de organização do tempo de estudo, uma vez que as aulas gravadas ficam disponibilizadas na plataforma da universidade e caso não entendam os conteúdos curriculares apresentados o aluno tem a opção de rever a aula no dia e horário que melhor lhe convier.

Já o Ensino Remoto de Emergencial (ERE), é definido como:

Uma mudança temporária para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para o ensino que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos híbridos, e, que, retornarão a esses formatos assim que a crise ou emergência diminuir ou acabar. O objetivo nessas circunstâncias não é recriar um sistema educacional robusto, mas fornecer acesso temporário a suportes e conteúdos educacionais de maneira rápida, fácil de configurar e confiável, durante uma emergência ou crise. (HODGES et al., 2020, p. 6).

Diferente da EaD o ERE não foi planejado, essa modalidade de ensino foi o único caminho a ser seguido para amenizar os “efeitos prejudiciais pedagógicos dos discentes, promovendo a permanência do vínculo escolar, reverberando no corte da sangria do abandono e evasão escolar tão comuns já em tempos considerados normais” (COQUEIRO e SOUSA, 2021).

O momento não nos permite escolhas a nível mundial, o ERE tornou-se uma realidade da educação infantil a pós-graduação *stricto sensu*, ou buscamos possibilidades para seguimos em frente ou ficamos parados a beira

do caminho, porque a pandemia do Covid-19 não tem data certa para acabar. Sobre o Ensino Remoto Almeida e Alves (2020), pontuam:

O Ensino Remoto tornou-se uma espécie de *e-learning*, onde os professores prestam tutoria eletrônica, disponibilizam material *on line* e interagem com seus alunos de forma síncrona: quando a comunicação ocorre de maneira simultânea, através de aulas ao vivo e chats de comunicação; e de maneira assíncrona: quando a comunicação acontece em tempos diferentes, através de aulas gravadas e fóruns para esclarecer as dúvidas. (ALMEIDA e ALVES, 2020, p. 4).

Entretanto, para avançar é necessário criar políticas públicas de inclusão. Dados da última pesquisa de Tecnologias da Informação e Comunicação por Domicílios realizada no ano de 2018, pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação apontam que 42% das casas no nosso país não possuem computadores, nem acesso à internet . Esse dado agrava e desnuda ainda mais as desigualdades sociais. A seguir apresentaremos os resultados e discursões.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa é de natureza qualitativa. Optamos por esse caminho por entendermos que a utilização desse modelo de pesquisa “nos permite analisar os ‘microprocessos’, estudando as interações sociais de um determinado grupo pertencendo a ele ou não, [...] realizando um exame intensivo dos dados” coletados (MARTINS, 2004, p. 289).

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário *on line*, elaborado com perguntas abertas e fechadas utilizando a ferramenta *Google* formulários, no intuito de obter o perfil sócio demográfico/econômico dos sujeitos da pesquisa e responder aos objetivos previamente traçados de maneira mais assertiva.

Na primeira fase da pesquisa, em uma reunião presencial que a escola já havia marcado para tratar do curso do ano letivo com pais e professores, a

coordenação pedagógica nos cedeu parte do horário para esclarecermos os motivos que nos levaram a desenvolver a pesquisa; as dúvidas recorrentes dos alunos sobre os conteúdos curriculares ministrados nesse período de pandemia.

Explicamos aos pais e/ou responsáveis que a pesquisa não passaria pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), mas que o estudo seguiria todos os preceitos com relação a ética, o sigilo, o bem-estar e os respeito aos participantes. Também ressaltamos a relevância da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para pesquisador e entrevistado principalmente por os sujeitos serem menores de idade.

Informamos ainda aos pais que a participação dos alunos era voluntária e que durante todo o curso de desenvolvimento da pesquisa os sujeitos e os pais poderiam ter acesso aos dados coletados e que se assim desejassem poderiam desistir a qualquer momento do estudo, que a desistência não lhes traria nenhuma implicação negativa, porém pontuamos que os dados obtidos na pesquisa poderiam futuramente contribuir para a atuação docente nesse espaço escolar visando a aprendizagem dos alunos. No dia da reunião obtivemos o aceite de 150 pais, porém, apenas 45 assinaram o TCLE.

Na segunda fase da pesquisa, com as devidas assinaturas coletadas, criamos um grupo no *WhatsApp* com os alunos, sujeitos da pesquisa, para sanar dúvidas, enviarmos e recebermos os questionários. Já o diálogo com os estudantes que não possuíam acesso a internet foi realizado por meio dos pais quando quinzenalmente iam retirar as atividades impressas na escola, esses alunos responderam ao questionário impresso.

A pesquisa foi realizada no período de dois meses (abril/maio) do ano de 2021. Participaram da pesquisa 45 alunos. Todos os sujeitos receberam nome fictício para respeitar o sigilo de suas identidades. Utilizamos como critérios para a seleção os alunos possuírem idade igual ou acima de 13 anos e estarem cursando o 7º, 8º, e/ou o 9º ano do ensino fundamental II.

O campo empírico é uma escola da rede estadual de ensino, localizada na zona urbana de um município da região centro-oeste do Brasil, que atende aproximadamente 256 alunos nos anos finais do ensino fundamental II.

Também informamos ao responsável legal por cada aluno participante que futuramente a pesquisa poderia vir a ser apresentada em congresso, seminário, fazer parte de revistas e/ou livros na área educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiro apresentaremos o perfil sociodemográfico/econômico dos participantes para que o leitor possa compreender melhor o contexto de onde falam.

Dos quarenta 45 alunos que participaram como sujeitos da pesquisa 24 (53%) eram do sexo feminino e 21 (47%) do sexo masculino. Com relação à idade 5 (11%) tinham 13 anos, 15 (33%) com 14 anos, 21 (47%) estavam com 15 anos e 4 (9%) alunos com 16 anos.

Já o ano que os estudantes estavam cursando na educação básica eram os seguintes; 8 (17%) alunos cursavam o 7º ano, 17 (37%) o 8º ano e 20 (46%) estudavam no 9º dos anos finais do ensino fundamental.

Em resposta a pergunta se possuíam acesso à internet na residência, 34 (76%) dos entrevistados responderam que sim e 11 (24%) alunos responderam que não. Segundo dados da última pesquisa da Associação Brasileira de Internet, “em 2019, em 12,6 milhões domicílios do país não havia internet, devido à falta de interesse (32,9%), ou o serviço de acesso ser considerado caro (26,2%), ou por nenhum morador saber usar a internet (25,7%)” (ABRANET, 2021).

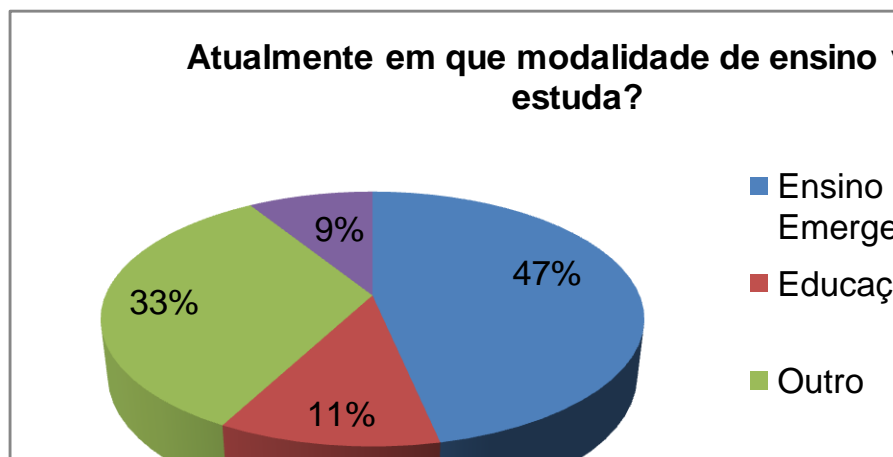
A mesma pesquisa revela que os valores cobrados pelas empresas que fornecem o sinal são considerados altos em relação ao “fato de que o rendimento médio per capita dos domicílios com utilização da internet (R\$

1.527) era o dobro da renda dos que não utilizavam a rede (R\$ 728)” (ABRANET, 2021).

Perguntamos aos estudantes que artefatos tecnológicos eles utilizavam para participar das aulas remotas nesse período de pandemia as respostas foram as seguintes; 3 (7%) estudantes usavam o computador de mesa, 9 (20%) o notebook, 25 (55%) o celular e 8 (18%) não possuíam nenhum desses recursos. Segundo essa última parcela de estudantes, a cada 15 dias os pais ou responsável iam até a escola buscar as atividades impressas, uma maneira de não comprometer o processo de ensino/aprendizagem desses alunos.

Traçado o perfil sociodemográfico/econômico dos sujeitos passaremos as indagações que responderam aos objetivos traçados previamente na pesquisa. Apresentaremos os resultados por meio de gráficos e texto.

Gráfico 1



Fonte: Elaborada pela autora em 14 mar. 2021.

Em resposta a pergunta em que modalidade estudavam atualmente, 21 (47%) alunos responderam no Ensino Remoto Emergencial, 5 (11%) na Educação a Distância, 15 (33%) responderam outra, mas não especificaram qual modalidade seria e 4 (9%) alunos responderam que não sabiam.

Por meio dos dados coletados podemos afirmar que a maioria dos entrevistados possuíam compreensão da modalidade que estavam estudando

no período que foi desenvolvida a pesquisa, conforme a fala de Patrícia, aluna do 9º ano, que diz;

estamos estudando na modalidade de Ensino Remoto Emergencial, entendo como um modelo de ensino para épocas de crise como agora na pandemia da covid-19. Nesse modelo de ensino pode ser usado todo tipo de material impresso e digital, com aulas síncronas e assíncronas. No começo estranhei muito, demorei pegar o ritmo, não gosto de estudar assim é muito impessoal, me sinto sozinha, tudo aconteceu de forma rápida, mas estou me adaptando não tem outro jeito né. (PESQUISA DE CAMPO – ENTREVISTA, 07/04/2021).

Segundo Hodges et al (2020), o ERE pode ser entendido como um programa formal educativo que têm como principal objetivo oferecer a sociedade o acesso aos conteúdos curriculares de forma rápida, favorecendo a aprendizagem dos estudantes enquanto durar a crise.

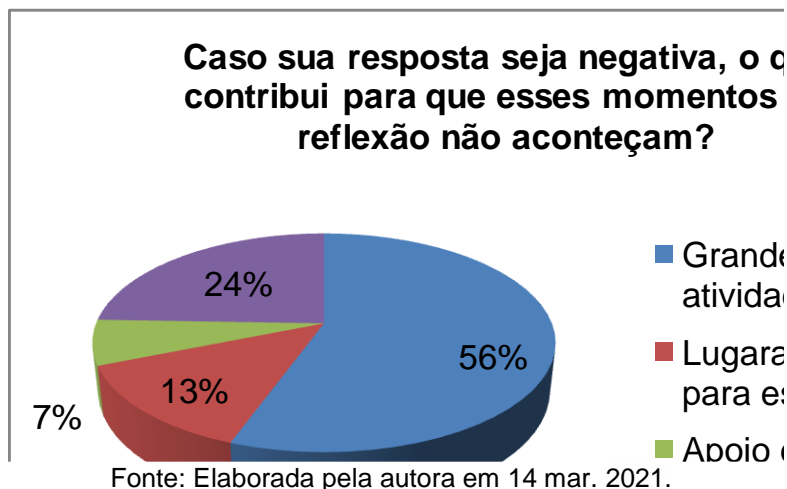
Arroyo (2001, p. 47) pontua baseado nas obras de Paulo Freire que “educar sempre será uma relação de gente com gente, de adultos com crianças. [...] Para Paulo Freire, o caráter renovador da educação está no caráter intrinsecamente renovado de toda a relação humana, entre humanos”. Percebemos pela fala da aluna que ela sente falta do contato humano, das interações no espaço escolar.

Entendemos que tanto no ensino presencial como no ERE o acolhimento, a afetividade e a sensibilidade são tão relevantes quanto os planos de aulas e os métodos utilizados pelos professores, pois favorecem a aprendizagem dos alunos. Porém, nesse período de crise, “os sujeitos são convidados a se reinventarem na relação com o saber para um processo significativo e mobilizador” (BOELL, 2021, p. 9970).

Agora passaremos à segunda indagação: Na modalidade que você estuda atualmente existem momentos de reflexão que favorecem a sua aprendizagem? 14 (31%) alunos responderam que sim e 31 (69%) responderam que não.

Gráfico 2

242



25 (56%) dos alunos responderam que o grande número de atividades toma todo o seu tempo, deixando-os cansados, estressados por passarem horas na frente do computador, do celular. 6 (13%) estudantes pontuaram que não possuem um lugar adequado para estudar e ressaltam como principal fator para que a reflexão não ocorra o barulho das conversas paralelas e dos vários aparelhos eletrônicos ligados por toda a família estar em casa devido ao isolamento social. 3 (7%) estudantes ressaltaram como impeditivo a falta de apoio da família e pontuam que todos estão em casa, mas com interesses distintos e 11 (24%) alunos responderam que não possuem acesso à internet, por esse motivo não têm como pesquisar, acompanhar as aulas.

Perguntamos aos alunos: A modalidade que você está estudando traz implicações positivas ou negativas a sua aprendizagem? 14 (31%) estudantes responderam que as implicações eram positivas, entre as mais mencionadas estavam; a comodidade de estudar em casa, que não é todo dia que tem aula *on line*, a utilização de computadores e aparelhos celulares para pesquisar e enviar as atividades o que não era permitido na aula presencial.

Por outro lado, 31 (69%) alunos afirmaram que as implicações a aprendizagem eram negativas. Os fatores citados pelos alunos que contribuíam e/ou dificultavam a sua aprendizagem foram os seguintes; 5 (11%) estudantes responderam que não conseguem aprender sozinho. Entramos em

contato com esses sujeitos buscando entender o que na compreensão deles era aprender só, eles responderam que a falta de contato físico com a professora e os colegas de sala os desestimulavam.

14 (31%) alunos responderam que não possuíam celular ou computador para estudar, nem acesso à internet. Nessa porcentagem também estão incluídos os alunos que precisam dividir os artefatos tecnológicos com os irmãos e/ou pais e isso contribui para que muitas atividades não sejam realizadas.

Já 21 (47%) estudantes responderam que não conseguem entender os conteúdos curriculares na modalidade de ensino que estudam que no ensino presencial o número de atividades e trabalhos era menor e o ritmo de estudos menos cansativo e desgastante. E 5 (11%) sujeitos pontuaram que não veem a hora da crise sanitária passar, do isolamento social acabar para poderem ir a escolar rever os amigos, os professores.

Por fim, fizemos a última indagação aos alunos;

Gráfico 3



Fonte: Elaborada pela autora em 14 mar. 2021.

Em resposta a pergunta a cerca da construção da relação professor/aluno nesse momento de pandemia, 15 (33%) alunos pontuaram que as dúvidas são sanadas pelos docentes por *email* e/ou pelo o *WhathsApp*. Já 9

(20%) estudantes responderam que possuem uma relação de afeto, respeito e proximidade com alguns professores. Segundo Miranda (2008)

a interação professor-aluno ultrapassa os limites profissionais e escolares, pois é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para toda a vida. Observamos que a relação professor-aluno, deve sempre buscar a afetividade e a comunicação entre ambos, como base e forma de construção do conhecimento e do aspecto emocional. (MIRANDA, 2008, p. 2).

Numa outra perspectiva, 12 (27%) alunos responderam que após as aulas *on line* entram em contato com os professores e mesmo sendo atendidos não conseguem compreender o que eles explicam sobre os conteúdos ministrados. E 9 (20%) estudantes relataram que raramente interagem nas aulas *on line* e nos grupos de *whathsApp* temendo serem criticados pelos professores ou pelos colegas de sala, preferindo que os pais lhes expliquem os conteúdos e a melhor forma de resolver as atividades propostas.

Santos e Silva (2000) explicam que:

Se o aluno teme constantemente a crítica e a censura do professor, se o relacionamento entre eles é permeado de hostilidade e contraste, a atmosfera da sala de aula é negativa. Neste caso, há o aumento da ansiedade do aluno, com repercussões físicas, diminuindo sua capacidade de percepção, raciocínio e criatividade. (SANTOS e SILVA, 2000, p. 12).

Outras reflexões relatadas pelos sujeitos que participaram da pesquisa nos deixaram imensamente preocupados, reflexivos, em uma delas um aluno do 8º ano fala: “Não vejo sentido no que estou fazendo, faço pra cumprir minha obrigação, quando meus pais entendem alguma coisa respondo, caso contrário, devolvo a atividade em branco. Fico pensando... quando isso tudo vai passar” (VINICÍUS).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstraram que a maioria dos alunos afirmaram que estudavam na modalidade de Ensino Remoto Emergencial. Apontam que essa modalidade de ensino traz significativas implicações negativas, tais como; a dificuldade de aprender sozinho, a falta de acesso a internet, de aparato tecnológico, a ausência de interação física, de um local adequado para estudar o grande numero de atividades e a falta de apoio dos pais dificulta o processo de ensino/aprendizagem interferindo na reflexão dos conteúdos aplicados impedindo a construção do conhecimento..

Demonstram também que a relação professor/aluno continua fortalecida, interações baseadas no afeto e no respeito mútuo, mas, que ainda existe uma parcela significativa de alunos não entendendo a linguagem utilizada por seus professores ao ministrarem as aulas, por não entenderem o processo de ensino que esta sendo desenvolvido sentem-se angustiados, sozinhos, desmotivados.

Compreendemos todas as considerações apontadas pelos alunos, pois além terem que se adaptar de forma repentina do ensino presencial para o Ensino Remoto Emergencial ainda tem as questões psicológicas implicadas nesse período de pandemia.

Várias foram as reportagens em jornais e revistas relatando que uma parcela significativa de famílias brasileiras viviam em situação de risco por conta do aumento da violência doméstica, do desemprego, da fome e da falta de moradia entre outros. Todos esses fatores interferem negativamente no desenvolvimento físico e cognitivo afetando (in)diretamente a aprendizagem dos alunos.

Também precisamos reconhecer que exercer a docência nesse período de pandemia não tem sido tarefa fácil. A sociedade de maneira geral e as instâncias educacionais superiores (secretarias de educação estaduais e municipais) cobram cotidianamente da classe docente atuação assertiva para a utilização das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TIDIC) sem

oferta de formação continuada, sem acesso a internet, sem aparato tecnológico. As horas de trabalho triplicaram, mas o salário continua o mesmo.

Entretanto, isto não tem sido um impeditivo para que os professores busquem outras formas de obter condições basilares para desenvolverem práticas pedagógicas que valorizem a condição humana dos alunos formando-os para enfrentar os desafios presentes nesse momento de crise pandêmica.

Enfrentar todo esse processo social de mudanças bruscas devido à pandemia da covid-19 tem deixado a população mundial de maneira geral abalada física e emocionalmente, nesse sentido, alunos e professores sentem-se sobrecarregados, pressionados, exaustos. Parar e traçar novas estratégias tendo como foco a aprendizagem dos alunos é relevante para se avançar nesse momento de incerteza, mas, acolher, ouvir e estimular torna-se fundamental.

Diante do cenário apresentado, informamos que nossa pesquisa produziu conhecimentos e levantou problemáticas relevantes que podem servir futuramente para que professores, coordenadores pedagógicos, direção e família dos sujeitos da pesquisa tenham uma compreensão aprofundada sobre os seus medos e anseios, bem como os fatores que interferem na sua aprendizagem nesse período de pandemia.

Ressaltamos que por meio da escrita documentamos todo o processo que posteriormente pode vir a servir como base de acesso de conhecimentos pertinentes para a comunidade escolar pesquisada, para a sociedade. A construção da pesquisa é a nossa forma de colaborar com a modificação desse e de outros espaços escolares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Beatriz Oliveira; ALVES, Lynn Rosalina Gama. Letramento digital em tempos de covid-19: uma análise da educação no contexto atual. **Debates em Educação**. V. 12, n. 28, Set./Dez. 2020. Disponível em: <

<file:///C:/Users/Valdenia/Downloads/10282-38693-2-PB.pdf> >. Acesso em: 13 mar. 2021.

ARROYO, Miguel. Currículo e a pedagogia de Paulo Freire. In. RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação. **Caderno pedagógico 2: Semana Pedagógica Paulo Freire**. Porto Alegre: Corag, p. 42-54, 2001. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184_7792.pdf>. Acesso: 28 out. 2021.

BOELL, Márcia. Narrativas docentes e discentes no ensino superior: ensino remoto emergencial em tempos de pandemia da Covid-19 e a relação com a cultura digital. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.1, p. 9963-9977, jan. 2021. Disponível em: <<https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/23799/19111>>. Acesso: 9 fev. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/20238603/do1-2017-05-26-decreto-n-9-057-de-25-de-maio-de-2017-20238503>. Acesso em: 11 mar. 2021.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 19 mar. 2021.

COQUEIRO, Naiara Porto da Silva.; SOUSA, Erivan Coqueiro. A educação a distância (EAD) e o ensino remoto emergencial (ERE) em tempos de Pandemia da Covid 19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.7, p. 66061-66075 jul. 2021. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/32355/pdf>>. Acesso: 27 out. 2021.

HODGES, Charles et al. Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência. **Revista da Escola**, Professor, Educação e Tecnologia. V. 2, 2020. Disponível em: <<file:///C:/Users/Valdenia/Downloads/17-Article%20Text-95-1-10-20200601.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, mai./ago. 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso: 27 out. 2021.

MIRANDA, Elis. A influência da relação professor-aluno para o processo de ensinoaprendizagem no contexto afetividade. In: 8º Encontro de Iniciação Científica e 8ª Mostra de Pós Graduação. **FAIUUV**, p. 6-18, 2008. Disponível em: < <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12791598/anais-do-viii-enic-encontro-de-iniciacao-cientifica-uss>>. Acesso: 28 out. 2021.

MORAN, José Emanuel. O que é educação a distância. **SENAI**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 5, out./dez. 1994. Disponível em: < <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/dist> >. Acesso em: 11 mar. 2021.

OPAS/OMS. **Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde**. Disponível em: < https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SANTOS, Roseane; SILVA, Andréa. **Relação professor aluno**: uma reflexão dos problemas educacionais. UNAMA. 2002. Disponível em:< https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8019_4931.pdf>. Acesso: 28 out. 2021.

VIEIRA, Márcia de Freira; SILVA, Carlos Manuel Seco da. A Educação no contexto da pandemia de COVID-19: uma revisão sistemática de literatura. Revista Brasileira de Informática na Educação. V.28, p. 1013-1031, 2020. Disponível em: < [file:///C:/Users/Valdenia/Downloads/9317-12634-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Valdenia/Downloads/9317-12634-1-PB%20(2).pdf) >. Acesso em: 17 mar. 2021.